

# BRASIL - PORTUGAL

16 DE NOVEMBRO DE 1908

N.º 236

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», Lda do Conde Barão, 50 — Lisboa.

## A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II



Retrato de El-Rei inaugurado ha dias na Camara Municipal do Porto  
(Quadro de Julio Costa)

**E**stá em festa o norte do paiz. Algumas das suas terras importantes estão sendo honradas com a visita de El-Rei. E é de ver o alvoroço com que elle é esperado em todas as ruas por onde passa, em todas as *parcs* onde desce, em todos os pontos que visita. E' de ver como na sua presença se expande a alma popular, com que jubilo as mulheres espalham flores sobre a sua cabeça juvenil, com que enthusiasmo populações inteiras o acolhem, o saudam e aclamam.

Ao Porto coube a suprema honra de receber a primeira visita official que faz, como chefe de Estado, o sr. D. Manuel II. E bem merecida é essa honra porque nenhuma, de todas as cidades do reino, leva ao Porto a primazia da lealdade, do sentimento monarchico, da abnegação e do heroismo na defesa das instituições e no desvello sagrado pela integridade e pela grandeza da patria.

Bem haja a camara municipal da nobre cidade, bem hajam as associações, as collectividades e os particulares, que tomaram a peito o cercar, por tal forma, de magnificencias e dedicacões, de affectos e de deslumbramentos, a personalidade do Rei. Bem hajam todos que no Porto, em Braga, em todas as terras que El-Rei percorre, porfiaram em demonstrar por manifestações de toda a ordem, desde as que partem das fibras do coração á imponencia dos festejos, que nas horas da adversidade ou da lucta ou do perigo pode o rei contar com o povo, como o povo pode contar agora com a confiança sagrada, absoluta, que deposita no seu Rei.

A tragedia pavorosa que em alguns minutos arrojou ao throno real a sua descuidada mocidade de infante aureola com o martyrio a sua elevada magistratura e torna ponderados, graves, reflectidos, os seus verdes annos.

Por isso o Rei tem sido esentado no Porto não como uma creança, não como um rapaz de 18 annos mas como um homem feito, como um espirito d'eleição, como um portuguez deveras amante da sua patria, intransigente cumpridor da Lei, culto, intelligente, sensível a todos os affectos, exclusivamente consagrado á causa do seu povo. As palavras que elle tem proferido lá fóra são o reflexo da sua alma e traduzem não só a elevação do seu pensamento, mas tambem a bondade do seu coração e as aspirações do seu espirito. Assim o comprehendeu o paiz inteiro, e é por isso que para todos os lados para onde El-Rei se encaminhe, tem de ser triumphal a sua marcha, e a sua pallida figura, em que está impresso ainda o pavor do momento tragico, domina pela bondade e pela attração tanto as pessoas que d'elle se acercam como as multidões que na sua passagem o acclamam.

Não quiz o Porto que na expansão e grandeza das manifestações nenhuma outra terra do reino lhe levasse a palma, e se ardentemente o quiz, com extraordinario brilho acaba de o conseguir.

Por isso o *Brasil-Portugal* consagra hoje algumas das suas paginas á cidade leal, e heroica, que dentro dos seus muros acolhe, agasalha, festeja, com uma indizível expressao de jubilo o jovem rei de Portugal.

## VIDA ELEGANTE

## EM FÓCO

## EM EVIDENCIA

Ninguém melhor do que Tony, pseudonymo que occulta um nome brilhante, soube dar a impressão que causa, em todos aquelles que tem olhos para ver e alma para sentir, a presença da gentil filha do sr. Conde de Sabugosa.

Dir-se-hia, escreveu elle algures, que desde tempos remotos os seus antepassados vieram esforçando-se em torneios de heroismo e



D. Isabel de Mello (Sabugosa)

de intelligencia, — uns servindo nas armadas de Africa, outros commandando naus nas guerras do Brasil, outros coroneis dos tercios, governadores das armas, gentis-homens, conselheiros de Estado e Guerra, alcaides-móres, padroeiros de mosteiros, commendadores da antiga Ordem de Christo, alféres-móres, capitães-generaes, deputados à Junta dos Tres-Estados, brigadeiros, academicos, — illustrando uma raça e uma familia, para que esta chegasse, como um arbusto cuidado e aperfeiçoado por umas poucas de gerações, a dar uma finissima flôr, de uma rara delicadeza e de um requinte raro, em que se abraçaram todas as fidalguias, desde a do rosto até á do coração!

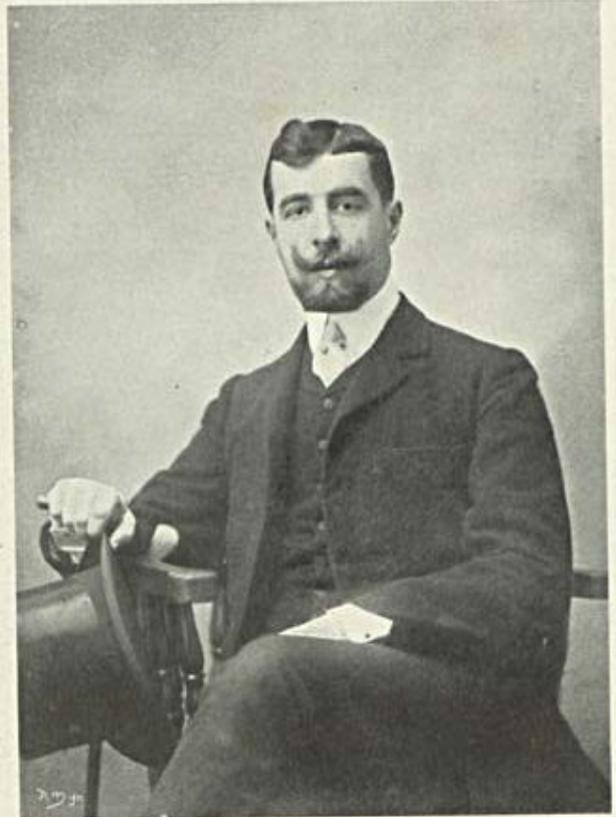
Ao vê-la na rua ou no theatro, em S. Carlos ou em Cascaes, tem-se effectivamente a sensação de se ver passar em espirito uma figurinha aristocratica de todos os tempos da nossa Historia. Vistam-lhe os costumes da epoca e poderá figurar tão bem n'uma tela que represente a entrada em Guimarães do fundador da Monarchia, como n'outra que descreva os episodios do Alfaceme de Santarem, os autos de Gil Vicente, os serões do Paço de Cintra, os outeiros de Odivellas ou as tardes do parque de Queluz.

Por isso, quando a vemos em algum dos *tableaux-rivants* que o bom gosto da nossa sociedade tem organizado entre nós, não temos a impressão que geralmente se tem com outras pessoas que lá figuram, impressão de pessoas mais ou menos bem mascaradas, mas sim a de que diante dos nossos olhos, pousa uma figura lendaria que a Historia nos emprestou por cinco minutos — por especial favor...

Tony.

Agora que está ausente, porque foi tomar parte nas festas com que o norte do paiz celebra a visita régia, seja-nos permittido gravar n'esta pagina o retrato de um dos mais dedicados amigos do *Brasil-Portugal*, d'esse excellente rapaz, a quem deve uma colaboração antiga e assidua esta mesma pagina elegante que tantos disvellos lhe tem merecido.

D. Jorge de Menezes, filho do decano dos nossos sportsmen, o sr. D. João de Menezes, pertence á mais antiga nobresa de Portu-



D. Jorge de Menezes

gal e está aparentado em Hespanha com a antiquissima casa dos duques de Osuna.

Realça-lhe a fidalguia do sangue herdado esse nucleo de qualidades pessoas que o tornam uma figura de destaque no nosso mundo elegante.

A sua estada no Porto deu-nos o feliz ensejo de realizar um velho desejo nosso. Estas palavras a acompanhar o seu retrato são a expressão de muito em que valorizamos as suas qualidades distinctas.

Giliatt.

Os filhos da sr.<sup>a</sup> D. Virginia Montezino y Espartero  
e do sr. D. José Santos y Silva



Maria del Carmen, 8 annos — Maria de los Remedios, 6 annos —  
Maria de los Angeles, 4 annos — Luisito, 22 mezes

Grupo tirado em 22 de setembro de 1890.

# Politica internacional

A questão dos Balkans está momentaneamente apasiguada, quer dizer, está por agora arredada a hypothese de um rompimento à mão armada entre as diversas nações interessadas. Não quer isto dizer que amanhã o perigo, que presentemente parece conjurado, não surja de novo. Em todo o caso alguma coisa já se ganhou em evitar o choque da primeira hora, quando as paixões estavam exacerbadas, e não era facil oppôr os conselhos da prudencia á indignação popular. A ideia da reunião de um congresso destinado a revêr o tratado de Berlin, que parecia ter

encontra bastantes difficuldades para a sua realisação. Em primeiro logar levanta-lhe objecções a Austria-Hungria, que sómente irá á reunião projectada se lhe fór assegurado que o facto consumado da annexação da Bosnia e da Herzegovina não será discutido, o que equivaleria a tirar ao congresso todo o motivo para que era convocado, ou então a convertel-o em mera chancellada do brutal procedimento da diplomacia austriaca.

A Allemanha, embora o não confesse abertamente, tambem é contraria á reunião do congresso, em primeiro logar para condescender com o ponto de vista da sua alliada, e depois porque ella propria receia encontrar-se isolada n'essa reunião, como lhe aconteceu na conferencia de Algeciras, em que a derrota diplomatica que ali soffreu tanto lhe affectou o prestigio. A propria Turquia, apesar das boas palavras e das promessas que de toda a parte tem recebido, receia e com justificado motivo entregar o seu destino nas mãos dos plenipotenciarios das grandes potencias, que pôdem ainda querer obrigal-a a dar compensações á custa d'ella aos diferentes estados balticos, que como a Servia, o Montenegro e a propria Grecia, sómente consentiram em se conservar tranquilos na esperança do que hão de receber. De modo que n'estas condições, o congresso que devia ser proposto oficialmente pela Russia tem grandes probabilidades de ficar apenas em projecto.

Um indicio quasi seguro de que assim aconteça é o terem a Turquia e a Bulgaria encetado directamente negociações para regular a questão entre si, e o mesmo acontecer entre a Austria-Hungria e os jovens turcos. De modo que, se a questão da independencia da Bulgaria e da annexação da Bosnia e da Herzegovina deve ser tratada directamente entre os interessados e se ha todas as probabilidades de que estes cheguem a accordo, para que se ha de reunir o congresso? Verdade seja que a Servia, o Montenegro e a Grecia vão ficar descontentes, porque perdem o ensejo de obter as compensações a que se julgam com direito. Mas terão de se sujeitar, pois que poderão estas tres fracas nações contra a Austria-Hungria, apoiada n'este caso pela maioria das nações signatarias do tratado de Berlin, que não pôdem permitir que se abra um conflicto europeu por causa das ambições dos politicos de Belgrado ou de Athenas?

Em todo o caso a attitudde da Servia, no caso da não reunião do congresso, constitue emquanto a nós o ponto negro na situação.

Como se não fôra bastante a aguda crise dos Balkans, eis que á ultima hora outra surge entre a Allemanha e a França a proposito da questão dos desertores da Casa Branca, questão que se suppunha senão resolvida pelo menos em via de resolução. De repente, porém, a Allemanha assume uma attitudde provocadora, exigindo previamente, antes que o assumpto seja deferido a uma arbitragem, que

os officiaes francezes apresentem as suas desculpas ao consul allemão n'aquella cidade. Como era facil de prever, o governo francez apoiado por toda a imprensa, sem distincção de partidos, negou-se peremptoriamente a satisfazer esta exigencia, tendo declarado o sr. Clemenceau que preferia abandonar o poder a submitter-se ás imposições allemãs. Não só n'esta questão o governo francez conta com o apoio unanime da opinião publica, mas tambem com o apoio das duas nações do «triplice accordo», que fizeram saber ao sr. Pichon por intermedio dos seus respectivos embaixadores, que a Inglaterra e a Russia estão ao lado da França n'esta questão. Assim é de prever que a Allemanha tenha de recuar mais esta vez e que, depois de ter sobresaltado a Europa durante alguns dias, o incidente se liquide no sentido que a França deseja.

Mas sendo assim, e sel-o ha decerto, porque n'este conflicto a Allemanha difficilmente poderia contar com a Austria e muito menos com a Italia, pergunta-se: que interesse poderia ter tido o governo

## Os acontecimentos do Oriente



O principe Fernando, recentemente proclamado czar da Bulgaria

de Berlin em levantar esta irritante questão, para ter logo em seguida que recuar? Não se percebe bem, e se isto se chama «diplomacia», não sabemos então que nome ha de ter na linguagem das chancellarias a «inhabilidade». A Allemanha devia ter previsto a resistencia invencivel da França a submitter-se a uma exigencia, que a deixava sem prestigio algum perante a Europa. Devia ter previsto que em semelhante conjuntura e na situação em que se encontram os negocios do Oriente, nem a Inglaterra nem a Russia, no seu proprio interesse, poderiam abandonar a França. Devia ter previsto que no caso de um conflicto á mão armada, por ella provocado, haver surgido entre as duas nações, a Italia pelo menos não a auxiliaria, porque se uma guerra defensiva está dentro das hypotheseas da triplice alliança, para reclamar da alliada auxilio, uma guerra offensiva, provocada por qualquer d'ellas, está fóra do *casus federis*. Tudo isto se devia ter previsto em Wilhelmstrasse. E apesar d'isso commetteu-se a gaffe. Porque e para que? Não é facil atinar com a explicação; a menos que não se queira vêr no procedimento da Allemanha, levantando inoportunamente esta questão, uma manobra para desviar as attentões d'essa outra gaffe da entrevista imperial, publicada no *Daily Telegraph*, que tão grande impressão causou em toda a Europa, especialmente na Inglaterra, e que na proprio Allemanha custará naturalmente o logar de chancellier ao principe de Bülow, assim como já custou ao sr. de Schoen, o seu logar de ministro dos negocios estrangeiros do imperio. Mas se assim é, mais uma vez o *abyssus abyssum invocat* terá mostrado os seus perigos, porque para a Allemanha fugir ás consequencias de um erro inevitavel já, pois estava consumado, foi praticar um erro maior, que se poderia ter evitado. E que erro!

Mesmo que o incidente se resolva *satisfactoriamente* por agora, conforme é de esperar, ficará sempre em França a irritação natural pela humilhação que lhe quizeram impôr; quer dizer, que mais se afastarão uma da outra as duas nações, entre as quaes alguns espiritos generosos dos dois lados do Rheno tinham sonhado uma *entente*. Por outro lado, a arremetida da Allemanha contra a Republica Franceza, veio apertar mais os laços do «triplice accordo» que, pelo caminho que as cousas vão levando, se vai insensivelmente transformando, graças á inhabilidade da politica allemã, n'uma triplice alliança. Assim, em vez de prejudicar a França, a Allemanha está a apertar cada dia mais em torno d'ella as allianças e amizades, emquanto que o imperio allemão cada vez se isola mais. Custa a crer como não se vê isto em Berlin. Fois não será tempo de abandonar esta politica de *pinpricks*, como lhe chamam os inglezes, de «picadas de alfinete», que só irrita o adversario em vez de o inutilisar, antes pelo contrario o torna mais irreconciliavel? Por interesse do bom nome do povo allemão e da tranquillidade da Europa inteira era bom que os processos diplomaticos da Wilhelmstrasse mudassem radicalmente. A Allemanha tem bastantes condições de superiori-

dade para ser necessario recorrer a taes expedientes, que nem honram os seus estadistas, nem servem os interesses da grande nação allemã, que mais do que nenhuma outra carece de paz para se desenvolver e prosperar.

Os successos politicos na Europa, que n'estes ultimos tempos tanto se teem precipitando, que se está desenvolvendo na Persia, cujo desfecho não é ainda facil n'este momento prevêr.

Como se sabe, depois do golpe de estado de Teheran, em que a *Mejliss* (assembleia nacional) foi dissolvida a tiros de canhão, sendo uma parte dos seus membros assassinados e tendo a outra que se expatriar, julgou-se definitivamente ganha a causa do Shah, e perdida por consequencia para sempre toda a esperanza de se restabelecer a constituição. Assim teria acontecido, com effeito, se a capital da provincia de Azerbaidjan, Tebriz, não tivesse levantado o estandarte da revolta. Foi ali que se refugiaram os ultimos defensores da constituição e com tal galhardia se teem havido, que até hoje e apesar das tropas que contra elles Mohamet Ali successivamente vae enviando, ainda não poderam ser vencidos. Pelo contrario, após diversas vicissitudes, a causa dos «nacionalistas» (como elles a si proprios se chamam) está não só moralmente, mas, materialmente ganha. Todas as tentativas das tropas realistas para se apossarem da cidade teem fracassado, e os nacionalistas, capitaneados por Sata-Khan, obrigaram-nas não só a levantar o cerco, mas a abandonar mesmo os arredores de Tebriz. Supõe-se que ao menos até á primavera o Shah desistirá de qualquer nova tentativa para subjugar a cidade, e entretanto pôde considerar-se não sómente Tebriz, como toda a provincia de que ella é capital, como emancipada da auctoridade de Mohamet Ali.

E' forçoso confessar que para este exito dos nacionalistas muito contribuíram os successos politicos da Turquia e o triumpho da revolução em Constantinopla. Sem estes acontecimentos é provavel que a causa do constitucionalismo tivesse a estas horas succumbido na Persia. Mas a revolta de Monastir veio modificar radicalmente a situação dos revolucionarios persas, dando-lhes a força moral que lhes faltava. Até ahí o principal argumento do Shah para supprimir a constituição era: que ella representava um attentado contra a letra e contra o espirito do Alcorão. E este argumento calava no espirito das populações do imperio, fanaticas e aferradas ao seu credo musulmano. Do momento, porém, em que outro paiz mahometano, a Turquia, acceitou uma constituição ainda mais liberal do que a persas; e do momento sobretudo em que a esta constituição jurou fidelidade o chefe dos crentes de todo o Islam, o argumento do Shah perdeu todo o valor, porque foi praticamente contradictado por uma auctoridade religiosa indiscutivel, como a de Abdul-Hamid e mais ainda a do Sheik-ul-Islam.

Assim, com estes reforços, a causa dos nacionalistas logrou até agora vencer, e não parece provavel que, sem prestigio, sem soldados e sem dinheiro, o Shah consiga debellar um movimento, que conta com as sympathias da nova Turquia constitucional.

CONSIGLIERI PEDROSO.

### Cancioneiro portuguez

Por mais que o loireiro cresça,  
Ao céu não pode chegar;  
Por mais amores que eu tenha,  
A ti não te hei de deixar

Não se me dá de ter cruz,  
Tendo o Calvario ao pé;  
Não se me dá de penar,  
Sabendo eu por quem é.

## Os casamentos no Japão

E' já bastante conhecida a requintada delicadeza dos Japonezes. Queixam-se os europeus das minuciosas

prescripções da nossa civilidade. Que diriam elles se fossem á terra dos Kakémonos? Observaremos comtudo que a nossa delicadeza é para os Japonezes o cumulo da grosseiria.

As ruidosas gargalhadas, os trejeitos dos labios, dos olhos, das sobranceiras, a sinceridade com que os nossos rostos reflectem os sentimentos intimos, indignam e exasperam aquella gente que nós ainda ha bem poucos annos considerávamos como perfectos selvagens.

Essas bonequinhas pintadas, esses homens que nos pareceram funestos e abrutados, prováram altamente que eram dos mais esforçados e heroicos batalhadores e ellas deram nobres exemplos da sua coragem e dedicação.

Virá porventura o dia em que se não achará ridiculo esse excesso de delicadeza que é simplesmente devido a uma civilização mais requintada do que a nossa e amenisa até certo ponto os asperos attrictos da vida.

Desde a mais tenra idade o Japonez e a Japoneza estão educados de fórma a não perder nunca a linha, a conservar a sua impassibilidade, a nunca deixar transparecer os seus intimos pensamentos, dizendo tudo com o

mesmo sorriso amavel, indicando a sua boa vontade para com o interlocutor sem todavia deixar descobrir as suas intencções.

Em todas as circumstancias da vida o ceremonial Japonez tem um sabôr de comedia fina, leve e suggestiva, como tudo quanto rodeia e borboleteia n'aquelle paiz de sol.

Os casamentos dão lugar a scenas curiosissimas.

Casamento d'amor é cousa desconhecida no Japão.

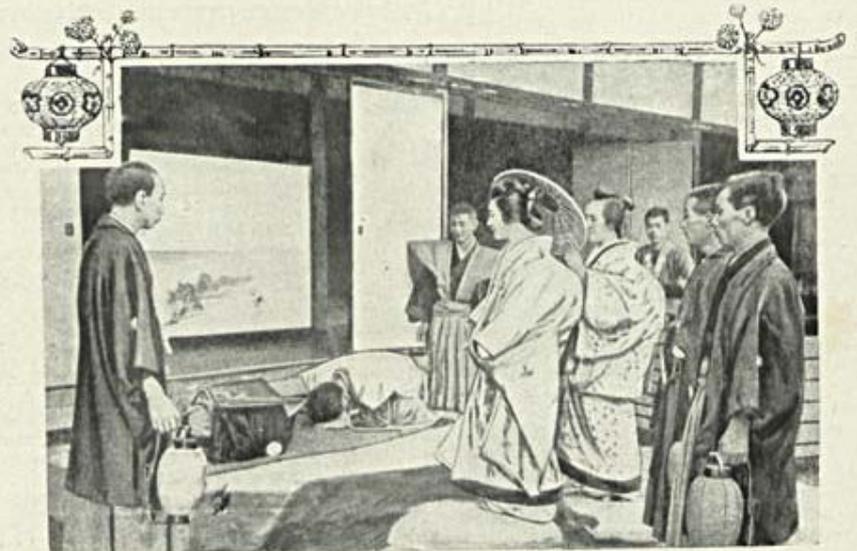
Ao ajuste de casamento segue-se a boda com pequeno intervallo.

Tomaremos para exemplo o mancebo Katsuma, de raça nobre, tendo terminado os seus estudos universitarios.

Tatsuma pensa em constituir familia. Fiel aos seus principios patriarchaes, dirige-se respeitosaente ao pae e, com as phrases mais alambicadas, lembra-lhe que tem vinte annos e está em idade de casar. O pae não pôe objecções. Sente-se jubiloso com a idea de vêr perpetuar a sua raça.



Os casamentos no Japão. — Primeiro encontro dos noivos.  
A' esquerda o pae da noiva, no centro o noivo bebendo tranquillamente o «sahé»,  
à direita o casamenteiro. Os noivos só se miram às furtadelas



Os casamentos no Japão. — Chegada da noiva á casa nupcial

Mas ha pouca convivencia entre as familias japonezas e não é facil saber se nas proximas relações ha meninas casadoiras.

Recorre-se portanto a um *casamenteiro* de profissão que logo se põe em campo para descobrir a desejada noiva.

Este individuo deve proceder com immenso tacto e paciencia e ficaria irremediavelmete manchada a sua fama de bom *casamenteiro* se fizesse entrar n'uma familia nobre uma menina cujos antepassados



Os casamentos no Japão. — Antes da cerimonia

A noiva cobre a cabeça com uma mitra que lhe é posta pela sogra

dos tivessem commettido qualquer acção vil ou simplesmente se lvessem entregado ao commercio!

Passados alguns dias o intermediário vem annunciar que encontrou uma menina digna de entrar na nobre familia de Katsuma. Recebidos plenos poderes das duas partes interessadas faz o pedido official, transmite a resposta e fixa a data do casamento. Ordinariamente, até este ponto os noivos ainda se não entrevistaram; é sufficiente o accordo das familias.

Mas não ha regra sem excepção, e succede, por vezes, que o casamenteiro, ajudado pela esposa, facilita um encontro do rapaz e da menina em casa d'uma pessoa amiga e em presença do pai da noiva.

No entanto os futuros esposos não tem direito de falar durante esta visita; apenas estão auctorizados a trocar furtivamente alguns olhares.

Se o aspecto do noivo não agradar ao futuro sogro este manifestará a sua opinião da maneira mais attenciosa, dizendo que «a sua filha é feia e estúpida de mais para aspirar a ser esposa d'um manco tão elegante e distincto como o nobre Katsuma.» N'esse caso o casamenteiro tem de recommear as suas negociações por outro lado.

Supponhamos porém que o resultado da entrevista foi satisfatorio.

Começam então os preparativos. Fala-se primeiro aos padres para que escolham a data propicia á boda, conforme a posição da lua e das estrellas.

Em casa da noiva procede-se á confecção do vestido de casamento que deve ser de seda pura, branca, com mangas de 91 centímetros de comprimento e um *obi*, cinto almofadado nas costas, com alguns metros de comprimento, que se enrola em volta do corpo.

Em todos estes detalhes ha regras de grande etiqueta.

Chega finalmente o grande dia ou antes, a grande tarde, pois os casamentos japonezes realisam-se ao pôr do sol.

A noiva sae de casa dos seus paes em palanquim, tendo previamente lançado n'uma fogueira, á porta da habitação, as suas bonecas e outros brinquedos, symbolizando d'esta maneira, que desde esse dia só pensará na felicidade do seu esposo.

Seguida pelos paes, parentes, amigos, e amigos do noivo, dirige-se para casa dos sógros, precedida pelos criados, que levam presentes para o noivo e lanternas acesas.

Emquanto se trocam cumprimentos e parabens entres os parentes, a noiva vae

para uma salinha onde a sogra lhe offerece ceremoniosamente uma chavena de chá, em presença da indispensavel esposa do *casamenteiro*.

D'alli segue para o quarto *sagrado* da casa onde a sogra a faz sentar no logar que o ceremonial prescreve, cobrindo-lhe a cabeça com uma grande mitra de seda branca, destinada a occultar-lhe o rosto que o noivo deve fingir não ter ainda visto.

N'esse quarto ornado de objectos e flores symbolicas, entra o noivo, os paes e as mães, o intermediario e sua consorte e as duas *borboletas*, creanças do sexo feminino encarregadas de servir o *saké*. Na sala proxima os convidados cantam o *utai*, hymno do casamento.

O casamenteiro curva-se deante dos noivos e faz o pedido official.

E' chegado o momento da mais solemne formalidade. As duas creanças offerecem successivamente aos noivos, trez chavenas de tamanhos diversos cheias de *saké*, vinho de arroz, devendo elles beber successivamente trez goles em cada uma. Terminada esta cerimonia estão casados.

Agora é permittido á noiva levantar a mitra e falar ao noivo. Antes de tudo offerece uma chavena de *saké* aos convidados.

Depois vae mudar de vestido para tomar parte no banquete nupcial, e, quando a situação de fortuna o permittir, sahe da sala quatro ou cinco vezes durante a refeição para apparecer de cada vez com um vestido differente.

Assim se casam os subditos do Mikado.

Mas esta simplicidade de costumes dentro em pouco será apenas uma lenda.

Dignos imitadores da Europa, os Japonezes das classes elevadas já não realisam essas ceremonias sem intervenção dos padres, tendo dado o Imperador o exemplo na solemnidade religiosa do casamento do principe herdeiro.



## O meu segredo

N'uma suprema hora angustiada,  
Sob a impressão d'uma paixão qualquer,  
Peguei na penna e sem pensar em nada,  
Senão na minha dôr, puz-me a escrever.

Com a face de lagrimas molhada,  
Não sei o que contei a essa mulher,  
Tão boa então como era então amada  
E linda como eu disse sem saber...

Vcio o sol dar commigo inda acordado,  
Sacudido dos sonhos mais diversos  
Mas com o coração mais socegado...

Palavras p'ra rasgar, para esquecer,  
Alguem as leu e disse que eram versos...  
Eu apenas suppuz que ia morrer!

Guedes Teixeira.

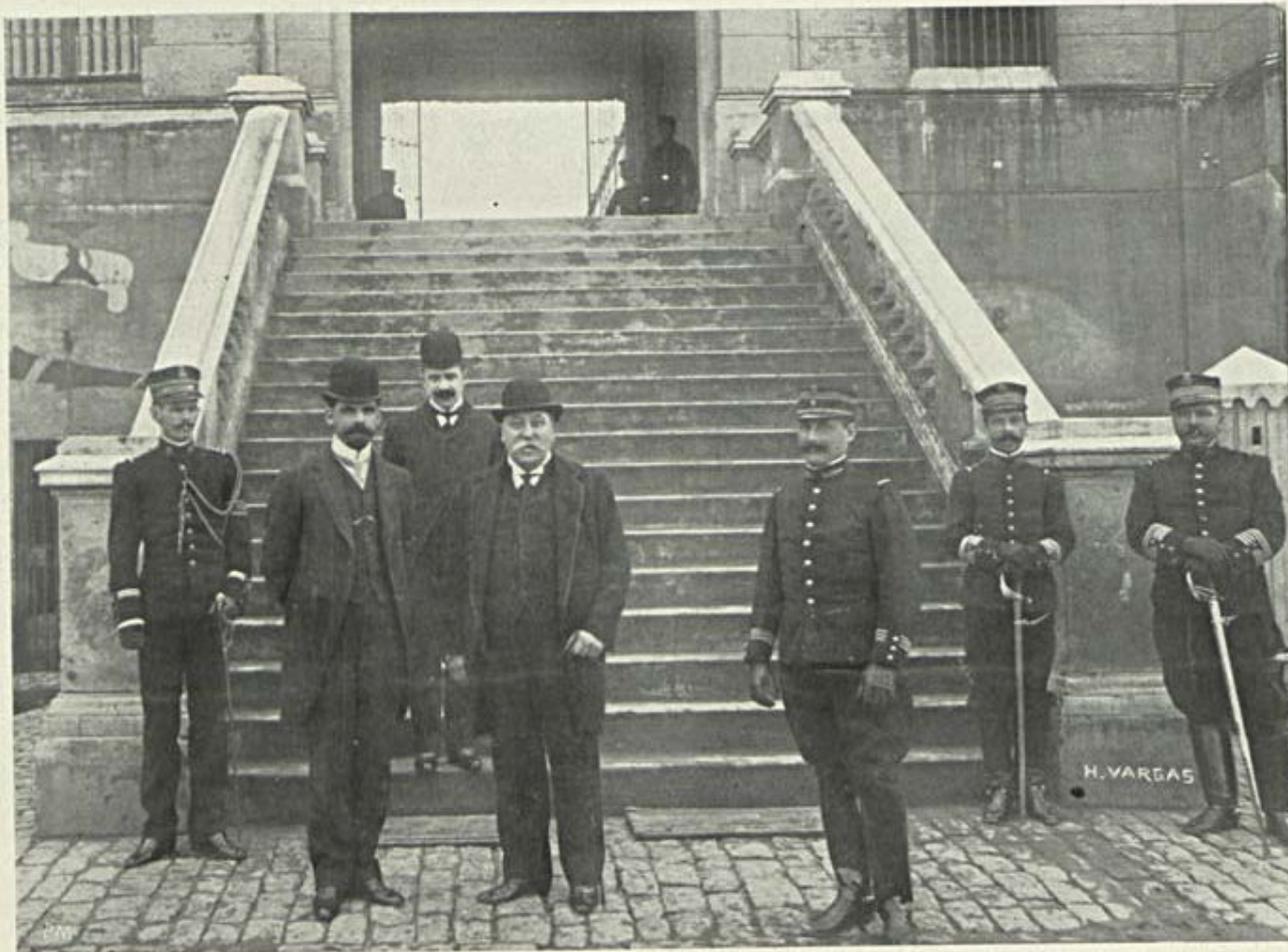


Os casamentos no Japão. — Cerimonia simples e rapida.

O deus dos japonezes abençoou a união; nasceu mais um subdito do Mikado e um escrivão regista o feliz successo

# O conde de Selir em S. Paulo

Visita ao Quartel da Luz



Da esquerda para a direita: — Ajudante de ordens do secretario da Justiça — Dr. Washington de Sousa, secretario da Justiça — Commendador Daniel de Abreu, consul do Paraguay, encarregado do consulado portuguez e representante do *Brasil-Portugal* — Conde de Selir — Capitão Labrousse, instructor francez — Coronel Ayres de Campos, commandante do 2.º regimento de infantaria — Coronel A. Baptista da Luz, commandante do regimento de cavallaria.

O sr. Conde de Selir, ministro de Portugal no Rio de Janeiro, regressou ha poucos dias ao seu posto depois de haver visitado a pittoresca cidade de S. Paulo, onde foi alvo de grandes e inequivocas provas de sympathia por parte do governo do Estado e da colonia portugueza, que o recebeu effusivamente.

A gravura que acompanha estas linhas representa o illustre diplomata na sua visita ao quartel da Luz, aonde foi acompanhado pelo secretario da justiça e pelo encarregado do consulado de Portugal, vago ainda pelo fallecimento do commendador Bernardino Abreu.



**Manuel Jacintho Ferreira da Cunha**  
Consul geral do Brasil em Lisboa

*O novo consul geral do Brasil em Lisboa, cuja educação fidalga e trato leal lhe hão de grangear geraes sympathias entre nós, conta 24 annos de serviços consulares, exercidos sempre com o maior zelo, alliando á maxima benevolencia o mais severo cumprimento de deveres.*

*Começou a sua carreira por ser nomeado chanceller do consulado brasileiro em Buenos Ayres, na Republica Argentina. N'este mesmo paiz exerceu as funcções de vice consul e consul no Rosario e em Santa Fé.*

*Foi depois consul geral em Hespan'ha, no Mexico, no Japão, na Italia e finalmente na Suissa, sendo notaveis alguns dos seus relatorios, muitos d'elles publicados com louvor no Diario Official do Rio de Janeiro.*

*Conhecendo-lhe o talento e apreciando-o devidamente, o Barão de Rio Branco chamou-o este anno para servir junto do seu gabinete, onde trabalhou até ser nomeado consul em Lisboa.*

*Manuel Jacintho Ferreira da Cunha cujo talento tambem já se affirmou litterariamente n'um interessante trabalho — Memorias de um consul no Japão — é natural do Estado do Rio Grande do Sul.*

# Centenario da Guerra Peninsular

## Condecorações

Um decreto assignado por El-Rei D. João VI, no Palacio do Rio de Janeiro, em 28 de junho de 1816, referindo-se aos feitos heroicos praticados pelo exercito portuguez durante a guerra peninsular, estipulou o seguinte:

— Que os generaes que se tivessem achado em dez ou mais das principaes acções podessem usar um collar, formado das quinias portuguezas, com inscripções das batalhas e sitios memora-



(MODELO N.º 1)

Medalhas destinadas a galardoar o valor dos officiaes que tivessem assistido a uma ou mais das principaes batalhas e cercos da guerra peninsular



(MODELO N.º 2)

veis da guerra peninsular, pertencendo este collar unicamente áquelles que tivessem pelo menos a patente de marechal de campo quando assistiram ás referidas acções.

— Que os officiaes que tivessem tomado parte em 3 até 9 d'essas principaes batalhas podessem usar uma medalha com a *real-effigie*, circundada de tantas folhas de oliveira quantas fossem as batalhas em que se tivessem achado (modelo n.º 1).

— Que aquelles que tivessem cooperado n'uma ou em duas batalhas usassem uma medalha com uma ou duas folhas de oliveira atravessadas, tendo gravados os nomes d'esses feitos (modelo n.º 2).

As principaes batalhas e cercos da guerra peninsular foram, por ordem chronologica, as seguintes:

1 — Vimeiro	9 — Salamanca
2 — Corunha	10 — Vitoria
3 — Talavera	11 — Pyreneos
4 — Bussaco	12 — Cerco de S. Sebastião
5 — Fuentes de Onôro	13 — Nivelle
6 — Albuera	14 — Nive
7 — Cerco de Ciudad Rodrigo	15 — Orthez
8 — Cerco de Badajoz	16 — Tolosa

Foi tambem determinado que os officiaes de qualquer graduacão que tivessem servido nas operações contra o inimigo durante 4 ou mais das 6 campanhas de 1809-1810-1811-1812-1813-1814, tivessem direito a uma cruz de ouro (modelo n.º 3), a qual devia ser usada sobre o lado esquerdo do peito, pendente de uma fita das côres nacionaes.

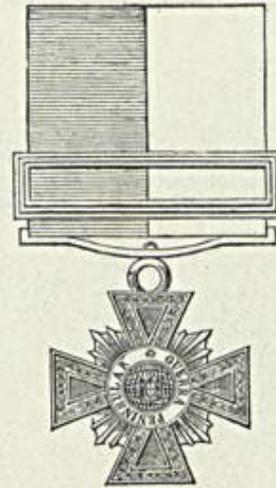
Uma cruz do mesmo modelo, mas de prata, seria usada pelos officiaes que apenas tivessem tomado parte em duas ou tres das referidas campanhas.

Aos officiaes inferiores e soldados que mais se tivessem distinguido em duas ou mais campanhas foi concedida uma cruz de prata conforme o modelo n.º 4, sendo distribuidas:



(MODELO N.º 3)

Cruz de prata ou de ouro destinada a galardoar os serviços dos officiaes que tivessem estado presentes nas operações contra o inimigo durante duas ou mais das seis campanhas da guerra peninsular



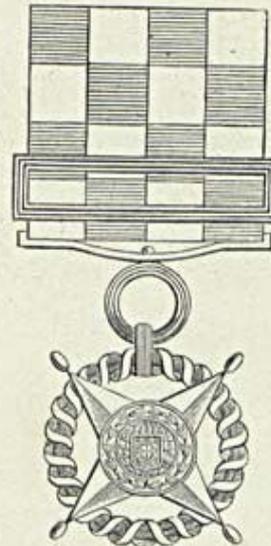
(MODELO N.º 4)

Cruz de prata destinada aos officiaes inferiores e soldados que servissem em duas ou mais campanhas da guerra peninsular

200 para cada regimento de infantaria; 120 para cada batalhão de caçadores; 25 para cada esquadrão; 30 para cada brigada de artilharia; 25 para cada companhia de artifices engenheiros.

Aos empregados civis do exercito foi tambem, mais tarde, concedida a devida recompensa pelos seus serviços.

Aos empregados de nomeação regia que tivessem servido du-



(MODELO N.º 5)

Medalha de prata ou de ouro destinada a premiar os serviços dos empregados civis do exercito que tivessem nomeação regia

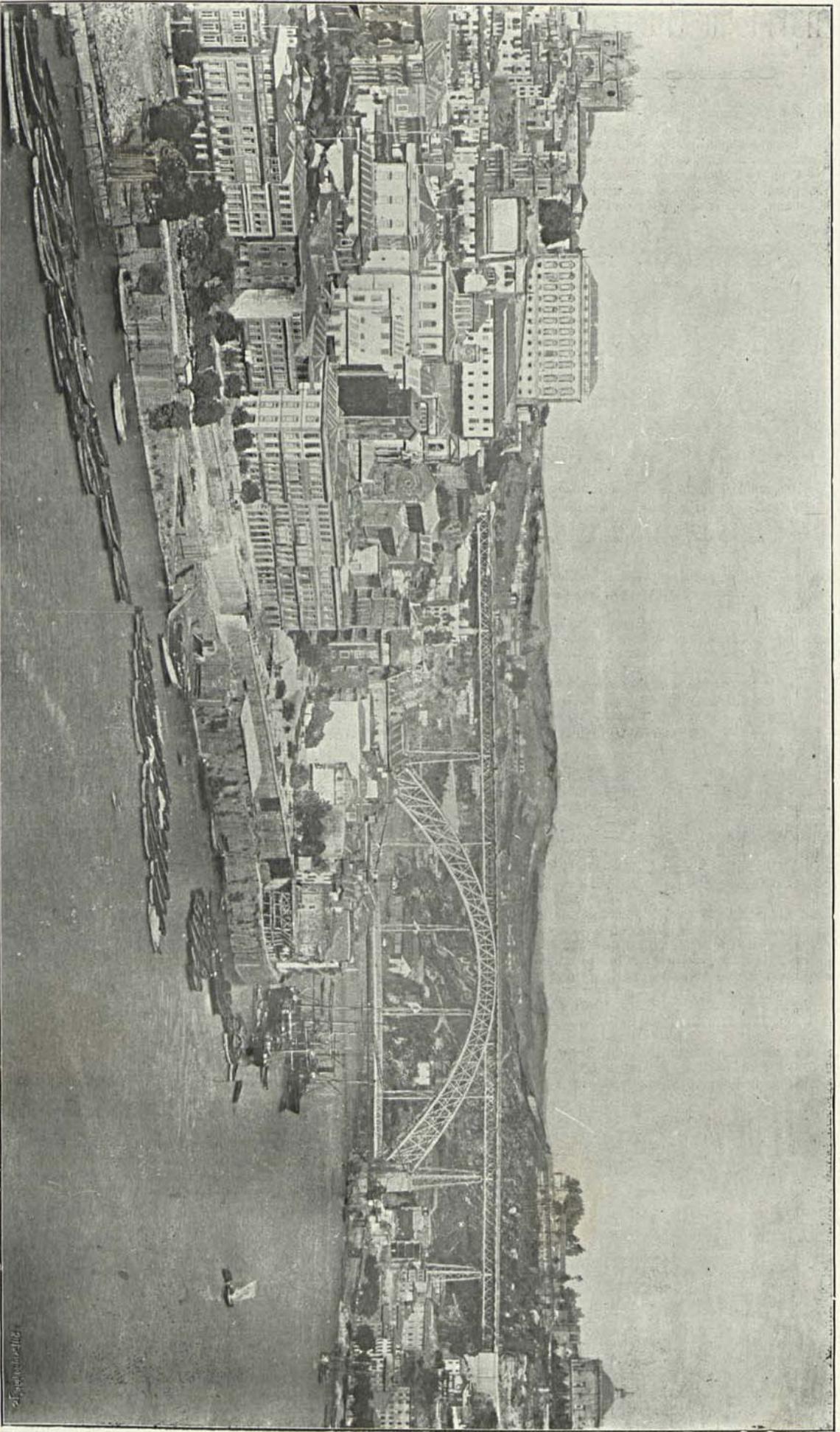
rante 4 ou mais campanhas foi concedida uma medalha de ouro (modelo n.º 5), podendo os empregados que apenas tomassem parte em 2 ou 3 das referidas campanhas usar uma medalha do mesmo modelo mas de prata.

Finalmente para os empregados cuja nomeação apenas tivesse dependido da approvação dos respectivos chefes e que tivessem servido durante 2 ou mais campanhas, foi destinada uma medalha de prata conforme o modelo n.º 6.



(MODELO N.º 6)

Medalha de prata destinada a recompensar os serviços dos empregados civis inferiores do exercito



A cidade do Porto

## A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II



No Porto. — O palacio das Carrancas onde El-Rei se hospedou

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

LVI

Recorda-se a visita de um illustre jornalista hespanhol a Lisboa. — D. Antonio Palomero. — O panorama da cidade visto da alameda de S. Pedro de Alcantara. — Uma maravilha que nos pretendem usurpar. — Contrás de ordem moral e technica. — Uma reivindicção. — Encerramento das lojas ás 8 horas da noite. — Lisboa lugubre. — As lisboetas já não vão á noite ver as montras. — Os lisboetas já não vão ás montras ver... as lisboetas. — A's escuras. — O que fazem os caixeiros. — Oh! as reivindicções!...

**H**a annos, seis ou sete, estive em Lisboa o illustre jornalista hespanhol D. Antonio Palomero, redactor do diario madrieno *El Liberal* e então correspondente do grande jornal que Antonio Ramos, Roberto Zenha e Zeferino Candido fundaram: *A Epoca*.

Num jantar que lhe offerecemos, no Braganza, D. Antonio com a sua quente loquacidade castelhana declarou-se maravilhado por Lisboa — «uma das mais lindas cidades do mundo.» E citou templos, monumentos, avenidas, certos edificios.

— Ha-de v. permittir-me, D. Antonio, que eu lhe mostre o panorama de Lisboa onde e quando me parecer.

Acceitou. Combinámos cear no Tavares na noite seguinte e assim succedeu. Noite velha sahimos do restaurante e encaminhamonos para S. Pedro de Alcantara. Na alameda aguardamos o romper do dia. Eu não prevenira Palomero de que era aquelle o local e era aquella hora a que alludira no jantar do Braganza.

Estavamos em setembro. Os primeiros alvares da madrugada romperam a densa treva. Pairava uma gase finissima de neblina no topo das colinas. Levei o nosso hospede até á grade que limita a alameda sobre o jardim e disse-lhe simplesmente: — olhe.

O sol rompia triumphalmente fundindo a treva, fundindo a nevoa, pondo a descoberto os altos da cidade: agora a Graça, logo apoz o Castello, os cabeços da Outra Banda... E tudo aquillo nós apparecia envolto n'uma deliciosa luz violeta, como n'um scenario estranho de magica para o qual se combinssem os mais curiosos effeitos de iluminação. Eu lia o pasmo e o enthusiasmo no rosto de Palomero. Mas não quiz interromper aquella impressão. O illustre hespanhol, com os olhos fixos no estupendo panorama de «uma das mais lindas cidades do mundo», nem pestanejava.

Por fim, voltando-se, com os olhos marejados, disse-me:

— Agradeço-lhe, meu amigo, o ter-me proporcionado um dos mais bellos espectaculos que me tem sido dado presenciar.

E batendo com a ponteira da bengala, acrescentou: — este miradouro vale thesouros!

Isto pensava de alameda de S. Pedro de Alcantara um estrangeiro illustre, escriptor distincto, espirito cultissimo, homem muito viajado — um artista, um estheta, a quem devemos, alem de repetidas e amabilissimas referencias a Portugal, uma admiravel traducção da *Ceia dos Cardeaes*. E, felizmente, entre nós, como Palomero pensa toda a gente que vê, como se costuma dizer, dois palmos alem do nariz. No entanto, houve cabeça para gerar o projecto de construcção de um palacio pejando e inutilizando um dos mais bellos, senão o mais bello logradouro publico da capital, afim de lá installar um serviço de informações cohonestando porventura um outro serviço de batota, industria que sempre medrou entre nós a despeito das providencias... que ninguem respeita. E a municipalidade lisbonense, a quem o projecto foi presente, logo se mostrou muito agradada d'elle.

E vão lá dizer ao homem do projecto e aos illustres edis que a realisacão d'esse projecto seria a inutilisacão d'um dos mais lindos sitios da capital, marcados em todos os guias de Lisboa como um dos pontos que se torna indispensavel ao viajante visitar e que este sempre procura, sabindo de lá com vontade de ficar, tal a belleza, o esplendor do panorama que d'esses palmos de terra se gosa e que é, hoje como ha muito, um dos raros gosos do pobre lisboeta.

Trata-se evidentemente de um vandalismo, de um abuso, d'uma



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — A Legião Azul esperando, em Campanhã, a chegada de Sua Magestade

(Clichés do photographo Cardoso — Porto).



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — Aguardando a chegada de El-Rei a Campanhã

asneira? Tanto basta para estar garantida a sua realização, além de que acima de todas as razões de ordem esthetica e moral está uma outra, fundamental, de ordem technica... que a camara ignora, na forma do louvavel costume.



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — O Senhor D. Manuel sahindo da estação de Campanhã  
no meio d'uma extraordinaria ovação

Não é preciso ter ido a Coimbra, conquistar capello e borla em qualquer faculdade, para saber que os fundamentos da esplanada em que assentam a alameda e o jardim de que se trata não são de terreno natural. A esplanada, feita em tempo remoto para assentamento de um deposito de agua, era destinada a fazer parte da obra colossal das Aguas-Livres e conquanto solidamente amparada por uma muralha, verificou-se não garantir as condições indispensaveis de solidez, sendo a ideia posta de parte. Effectivamente o terreno veio a alluir, sendo necessario amparal-o, ha umas dezenas de annos, com nova muralha e a massa de terreno que corre á esquerda da rua das Tappas.

Deus permitta que alguma pessoa abalisada retire isto á excellentissima camara e ao excellentissimo auctor do projecto, a fim de que esse monstro projectado não passe de um pesadello n'estes dias mais chegados.

Que a época é de reivindicações, não soffre duvida. Lancem os olhos para a Turquia e... sobre Lisboa.

Lá, os caudillos da revolução não contentes com imporem ao sultão Abdul-Hamid uma constituição, novos ministros, liberdade de cultos e *muchas cosas mas*, parecem apostados em ralar o bofe ao soberano, pois que agora se lembram de lhe exigir a suppressão do seu *harem* e um decreto pelo qual prohiba os serralhos em toda a Turquia.

O sultão que, segundo o Korão, tem direito a sete mulheres legitimas, uma para cada dia da semana, além de grande numero de supranumerarias, quer reagir, mas debalde o fará, porque parece que as mulheres estão decididas a, em tal

caso, reclamarem egualdade de direitos, isto é, sete homens para cada uma... e os supranumerarios que o acaso lhes conceda.

Hão de vencer mais uma vez os jovens turcos, a bem da moral e da caridade bem entendida, que da mal entendida estão elles fartos até aos olhos.

Pois que a sorte os proteja como tem protegido outros jovens, que são os caixeiros de Lisboa.

Estes tambem estão dando cartas como quem as sabe jogar. Após a conquista do descanso semanal que parecia pôr natural remate ás suas aspirações e reclamações, eil-os em campo para conseguirem outra regalia, que vem de lhes ser conferida, não a todos, mas a uma boa parte: o encerramento das lojas de modas, retrozaria e outros muitos ramos de negocio ás 8 horas da noite.

Que conseguiram elles com isso? Tornar a cidade ainda mais intoleravel, á noite. Lisboa cuja animação nocturna tanto deixava a desejar, já pela escassa concorrência das ruas, já pela pessima illumination, apresenta agora um aspecto desolador. Fechados os grandes estabelecimentos que misericordiosamente jorravam a sua luz sobre a via publica, a cidade baixa tem um aspecto lugubre, que lembra a remota época em que Pina Manique mandou á sua custa colocar lampeões para bem a illuminar.

A lisboeta que tinha o habito de vir á noite á baixa «ver as montras», deixa-se agora ficar em casa, junto do candieiro, lendo o folhetim ou fazendo crochet, visto que as montras... não são para ver de noite. E a legião dos namoradores, enorme, que girava de um para outro passeio á cata de caras bonitas junto dos mostruários de modas, debandou não se sabe para onde.

Que impressão desoladora eu senti uma d'estas noites em que percorri as ruas da baixa! Meu Deus, quasi foi o pavor! Não se imagina o que são essas ruas de alta casaria sem o caridoso auxilio de illumination particular! Um faquista consciencioso, que queira operar conforme as regras da sua arte, terá de solicitar o concurso da sua propria victima.

— V. Ex.<sup>a</sup> tem a bondade... aproxima-se d'este candieiro para eu ver onde lhe applico uma facada...

Ou então:

— O cavalheiro accende um phosphoro para eu ver onde guarda o seu relógio?

Occorre agora perguntar o que fazem os caixeiros durante as horas da noite que veem de conquistar.

Vão aos theatros, aos circos, aos animatographos, ás casas de pasto, ás tavolagens... Dispendem em duas ou trez horas pelo menos o que ganharam n'um dia de honrada labuta, ao balcão.

Paralysam por horas os negocios de seus patrões, desbaratam os proprios ganhos, exgotam-se em prazeres (?) de cuja recordação não



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto  
Sua Magestade a caminho do palacio das Carrancas



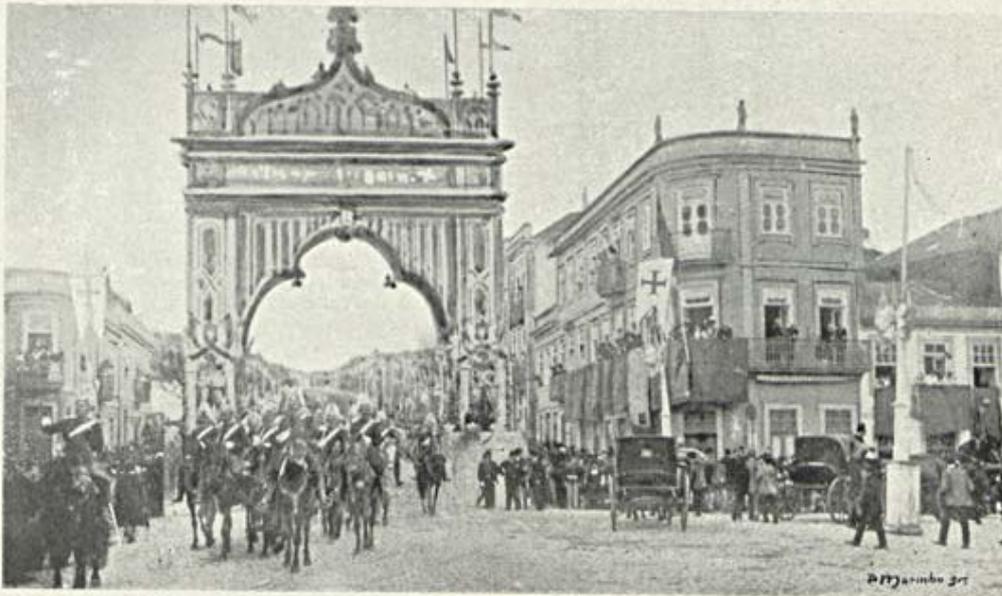
A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — Um aspecto da brilhante cavalcada que acompanhou El-Rei  
(Cliche do photographo Cardoso — Porto).

poderão viver mais tarde e privam-se de parte do descanso indispensavel para a faina do dia immediato.

Pouco viverá quem não vir as tristes consequencias d'esta novissima *reivindicacão*. Não de ser frescas.

Mas, cala-te bocca! Por muito menos já te alcunharam de *thalassa* e te apontaram ás iras do povo soberano...

CAMARA LIMA.



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — O cortejo real passando na rua Pinto Bessa

## Os nossos amuletos

Uma grande parte da natureza está povoada de espiritos e o homem inculto julga-se muitas vezes rodeado d'essas entidades superiores que ora o auxiliam na peregrinação d'esta vida, ora lhe semeiam esse caminho de toda a especie de perigos, produzindo doenças, tornando estereis os campos, ferindo de morte os animaes.

Os «amuletos» são um dos meios pelos quaes o homem conjura o poder da natureza, obrigando-a a obedecer-lhe e a suspender a sua acção.

Pertencem, pois, á magia. Distinguem-se dos «talismans» e «feitiços», e julga-se que são um resto de convivencia do povo portuguez

com os arabes, considerando-se a sua fé um dos elementos da poesia da raça mosárabe.

Um objecto, para que possa receber o nome de «amuleto», deve possuir duas condições essenciaes:

1.ª — Ser inconsciente e impessoal, mas dotado de propriedades maravilhosas contra o mal, adquiridas ou innatas, para o combater directamente ou prevenir.

2.ª — Ser portatil e por isso ordinariamente pequeno.

Existe no Minho um rochedo chamado «Pedra leitã», com saliencias semelhantes a mamas e que julgam as mulheres ter propriedades de não deixar seccar o leite. Pois ha tambem «amuletos» chamados «pedra leiteira» ou «leituario», que tem virtudes como aquella. Isto mostra bem o character portativo do «amuleto».

Sobre a fórma que apresentam variam desde o objecto artistico, como «Signum Salomonis» e o crescente, até ao objecto natural, possuindo fórmas proprias, mais ou menos determinadas, como são os dentes, etc; consistem uns n'um saquinho contendo alecrim ou n'um tubo cheio de azogue, ao passo que outros tem a fórma de collar, bracelete e anel.

Por mais longe que remontemos, mesmo nos tempos primitivos, sempre encontraremos a existencia do «amuleto» entre os povos civilizados ou selvagens. Tem-se escripto sobre isto grande numero de noticias ethnographicas, posto que carecendo todas do desenvolvimento que o assumpto merece. Em Portugal podemos seguir a historia dos «amuletos», depois da antiguidade prehistorica, através do periodo luso-romano, a Edade-média, Renascença, até ao pre-



(Cliché do photographo Cardoso — Porto).

A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — Aspecto da rua do Heroísmo ao passar o cortejo real

sente. Investigações archeologicas e bibliographicas, realizadas pelo sr. J. Leite de Vasconcellos e outros, o auctorisam a affirmar. São d'aquelle illustre archeologo varias brochuras que nos fallam dos dois primeiros periodos acima apontados. Gil Vicente, Antonio Pres-tes e D. Francisco Manuel de Mello alludem em suas obras aos «amuletos» dos periodos posteriores, e é sobremodo interessante o



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — Assistindo à passagem de El-Rei

«Vocabulário» de Rafael Bluteau na compendiação de factos do se-culo 18.

Para ex.: «Um dente de cão macho, arrancado estando vivo, fu-rando-o e trazendo-o ao pescoco que toque na carne, dizem que perserva das dôres de dentes».

Idem, ib.: «Torno a affirmar é amuleto especifico muito experi-mentado». Curvo Semêdo, Polyanteia Medicinal.

E' ainda o sr. Leite de Vasconcellos quem, n'uma memória offe-ricida à Sociedade de Geographia de Lisboa, nos dá as seguintes classes de «amuletos», fundando-se no seu conjuncto, dos quaes elle possui uma grande parte:

I — «Amuletos» cuja virtude depende do aspecto exterior, fórma e côr, de substancia. Pertencem a esta classe — o crescente, a an-cora, a figa, o signo-saimão, o peixe, tudo em ouro, prata, cobre, osso, etc. A origem d'estes é sobretudo symbolica. O symbolo gosa d'uma grande importancia nas religiões: por meio do symbolo o crente se approxima da entidade superior, da qual julga depender. Alguns «amuletos» d'esta classe tiram sua origem d'um antago-nismo: assim o crescente preserva os meninos da «lua-da», doença que consiste, segundo creio, em convulsões devidas á influencia da lua.

II — «Amuletos» cuja virtude depende da natureza intima de sua substancia. Esta classe comprehende: um pedaço de «pedra d'ara»,



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — Os ministros  
(Fichê do photographo Cardoso - Porto).

um dente, a chave, a ferradura, os ossos d'animal, a pedra de raio, etc. São muitos d'estes de natureza igual á do objecto que se quer conjurar ou á parte que se quer defender: uma pedra de raio que se suppõe vir do céu, preserva do raio; um dente de lobo protege os meninos contra os accidente da denticção («similia simi-

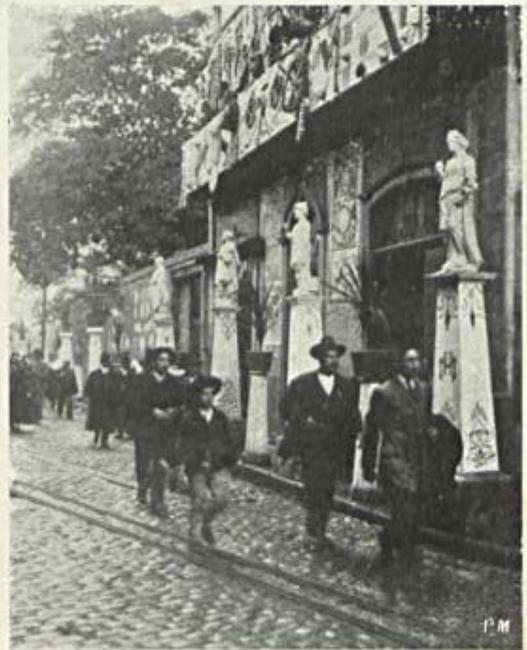
libus curantur»). Se a parte pode representar o todo, encontram-se «amuletos» que são simplesmente fragmentos d'objectos dotados de propriedades especiaes — ex.: uma esquirola d'um osso d'um Santo.

III — «Amuletos» cuja virtude provém ao mesmo tempo do as-pecto exterior e da natureza da substancia.

Alliando a natureza intima ao aspecto exterior obteem-se os «amuletos mixtos»: ex.: uma figa de azeviche possui virtudes por-que é uma figa e é d'azeviche; o anel torna-se receptaculo de mui-tas substancias maravilhosas e encerra muitos symbols — o anel de fava, o anel de olho de corvina, o anel da unha da gran besta, a sortelha de virtudes, etc.

A importancia dos «amuletos» e o seu grau de vitalidade é dis-parmente distribuido pelo nosso paiz. Na nossa provincia é fre-quentemente suspender nas casas, detraz das portas, ferraduras e chifres e nos tectos alhos de S. João, por causa dos maleficios; as creanças trazem «arrellicas»; muitas pessoas, d'ambos os sexos, usam, á ma-neira de berloques, uma multidão de «amuletos», suspensos na ca-deia do relógio e nos braceletes. Attribue-se tanta influencia ao signo-saimão, que ás vezes alterna com a cruz, e é desenhado na so-leira da porta d'entrada das casas de negocio.

Ora se estamos em face d'uma crença tão vigorosa, que está pro-fundamente espalhada entre as diversas classes sociaes e tem atra-vestado os embates das edades, reflectindo mais ou menos um dos aspectos da vida psychologica dos que a possuem, preciso se torna



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — Ornamentação da Associação Industrial

que a estudemos attentamente, porque ella nos fará luz sobre mui-tos pontos obscuros do presente e do passado.

Os nossos «amuletos» são vestigios das religiões dos povos que durante os differentes seculos teem occupado o territorio portuguez. Não se pôde exactamente determinar a sua origem; é preciso exa-minar cada caso singularmente isolado e proceder a numerosos es-tudos comparativos e, ainda depois d'isto, a origem de muitos ficará sem explicação.

Uns se relacionam com os costumes dos tempos primitivos, como os constituídos pelos dentes; a outros poderemos attribuir origem romana; e ainda os ha que provém directo ou indirectamente da Egreja sendo, emfim, alguns de origem semitica, como o «signo-sai-mão». E' entre os estudos ethnographicos que devemos buscar me-lhor informação sobre esta lição, que representa uma pequena su-mula do que é mais conhecido.

### Os nomes das danças

Os nomes dos bailes que os jovens tanto apreciam têm as suas origens curiosas. Por exemplo: da collocação que os bailarinos se davam resultou o nome de «quadrilha», palavra cujo significado é «pequeno quadrado». A «contradança» recebeu este nome por dançarem os pares «vis-à-vis». Os «lanceiros foram assim chamados por serem uma modificação da primitiva «quadrilha», introduzida por alguns lanceiros inglezes que se entretinham a fazer caracolar os cavallos segundo as marcas do referido baile. A «polka», é uma dança polaca, e a sua denominação deriva do vocabulo bohemio «pulka», que significa «meio» e quer dizer metade do passo ou antes, metade da medida.

# Os castellos tragicos

Grande numero de paginas da historia do mundo — e das mais terriveis e sangrentas — foi escripta dentro das paredes de castellos e palacios reaes. A mais recente foi a que os conjurados de Belgrado escreveram com o sangue do Rei Alexandre e da Rainha Draga no Konak da capital da Servia.

Sem remontar nos tempos prehistoricos na enumeração dos castellos tragicos, não é possível deixar de recordar a historia dos



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — A' sahida da egreja da Lapa

Atridas que, embora lendaria, deve ter um fundo de verdade Os curiosos de arte e de archeologia conhecem a fumosa porta dos leões em Mycenae, que produz sempre nos visitantes um effeito de nobreza. Não longe d'ella, entre as ruinas das muralhas cyclopicas, acha-se ainda o thesouro de Agamemnon, filho de Atreu, rei de Mycenae. Uma e outra foram testemunhas de tragedias espantosas, das quaes a mais celebre é o banquete em que Atreu serviu a seu irmão Thyestes os membros de dois filhos adulterinos que Thyestes tivera da Rainha. Egysto, filho de Thyestes, vingou o crime, truci-



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — Chegada de El-Rei á Camara Municipal  
(Tirada do photographo Cardoso — Porto).

dando Atreu. Inutil é recordar o subsequente assassinio de Agamemnon e a vingança de Orestes.

A historia romana, anteriormente aos tempos de Augusto, não teve tragedias tão terriveis.

É certo que depois os assassinios commettidos por varios imperadores e por mulheres como Messalina, Agrippina e Locusta não apresentam um espectáculo menos atroz.

Quanto mais a historia avança, mais cresce a lista dos castellos tragicos em todos os tempos e em todos os paizes.

Em França basta pronunciar o nome da torre de Nesle para que, graças ao velho Dumas, a imaginação evoque as orgias sanguinarias da rainha Margarida de Borgonha, mulher de Luiz X, fallecida em 1315. Era n'esta torre que ella se abandonava aos seus mysteriosos amores; sicarios feis matavam os seus amantes de uma hora e atiravam os seus cadaveres para o Sena. Villon, Robert, Gaguin e Brantôme dão uma certa credulidade a estas historias; é certo que em 1538, quando se edificavam umas casas á beira do Sena, junto da torre de Nesle, encontraram-se onze poços; no fundo de um d'elles havia um cadaver revestido da sua armadura, que se desfez em pó logo que lhe tocaram.

O povo creou logo a lenda de que era uma das victimas dos amores da Rainha da França, embora a presença da armadura não quadra lá muito com as circumstancias em que se perpetravam os taes crimes, segundo a romanesca tradição.

Em dezembro de 1588 o castello de Blois viu o assassinio do duque de Guise. No dia 22 d'esse mez encontrou elle debaixo do seu guardanapo um bilhete com estas palavras: «Tomai cuidado, querem jogar-vos um golpe ruim». Sem se commover, o duque escreveu por baixo d'estas linhas: «Não se atreverão». No dia seguinte foi apunhalado; o seu cadaver foi queimado e as suas cinzas lançadas ao vento.

No seculo seguinte foi perpetrado um crime analogo no palacio de Fontainebleau, onde estava hospedada a rainha Christina da Suecia, filha de Gustavo Adolpho.

Era ella uma dona assás dissoluta; costumava dormir em lençoes de velludo negro, por ter a pelle muito alva.



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — A' porta da Camara Municipal  
O senhor D. Manuel saudando o povo

Trouxéra no seu sequito o escudeiro Monalderchi com quem tinha amores. Por ciúmes ou, segundo outros, por ter adquirido a prova de que o seu amante conspirava contra ella, ordenou ao capitão das suas guardas, Lantinelli, que o prendesse quando elle voltasse da caça; cumprindo a ordem concedeu-lhe alguns momentos para se confessar e em seguida mandou matá-lo á espada, ás suas vistas, na galeria dos cervos.

O castello de Versailles recorda outra tragedia: o attentado de Damiens. Damiens era um exaltado que pensava que a morte do Rei produziria melhora immediata na situação do povo.

No dia 4 de janeiro de 1757 chegou a Versailles e procurou de balde um medico que o sangrasse.

No dia 5 escondeu-se o dia inteiro no palacio, com um canivete de duas laminas. Por volta das seis horas Luiz XV desceu dos seus aposentos para ir dar um passeio em coche; Damiens precipita-se e fere-o. «Deram-me uma cotovelada!» exclama o Rei; apalpa-se e fica com a mão ensanguentada. Vê Damiens e grita: «Estou ferido. Foi aquelle homem Prendam-n'o, mas não lhe façam mal!»

Dias depois a picada de canivete era expiada por um dos supplices mais atrozes de que ha memoria.

A historia de Inglaterra tambem conta um grande numero de castellos tragicos. Foi no castello de Pontefraet, na Escocia, que Ricardo II, Rei de Inglaterra, desthronado por Henrique de Lancaster, que foi depois Henrique V, foi apunhalado pelos seus carcereiros.

Não faltam tambem na Russia os castellos tragicos. Recordemos o drama que custou a vida ao tzarewitch Aleixo em 1718. Aleixo era o chefe do velho partido russo que detestava Pedro

o Grande, por causa das suas reformas. Era filho de Eudoxia Lapouchine, repudiada pelo Tzar; favorecia a religião orthodoxa e preferia as antigas tunicas e as longas barbas prohibidas pelo pai.

Avisado do odio paterno, passou-se a Napoles, depois voltou mediante promessa de perdão. Os seus partidarios foram condemnados, o general Grebof, empalado, empalado o arcebispo de Rostof, sua mãe Eudoxia foi fustigada em publico.

Aleixo compareceu perante um tribunal marcial composto de 167 funcionarios do Tzar.

Soffreu tres vezes o knet, foi condemnado á morte, e diz-se que em seguida foi morto ás machadadas ou soffocado debaixo de travesseiros.

## Plantas marinhas para adubo da terra

**H**a diversas plantas que podem ser cultivadas para enterrar, quando começa a sua floração; o seu emprego é da grande vantagem para substituir os estrumes, visto que os produzidos no paiz são insufficientes, e é preciso dar á terra materia organica, que não só presta, directamente, ás plantas elementos necessarios á sua sustentação, mas concorre para dissolver a materia mineral que tambem lhes é necessaria.

Não tratamos hoje d'essas plantas que, pelo fim para que são cultivadas, se chamam adubos verdes; vamos tratar de outra classe de plantas, as algas marinhas, que tanta importancia tem no nosso paiz e mais poderiam ter, attenta a relativamente grande extensão da nossa costa, se fôsem colhidas com mais insistencia e em melhores condições.

A ordem das algas marinhas pertencem algumas familias, como são principalmente as fucaeeas e confervaceas.

O conjunto das plantas marinhas, colhidas para adubo, tem em geral a designação de «bedelho» e «sargaço», mas toma nome especial em cada uma das regiões em que taes plantas são mais colhi-



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto — Exercício de bombeiros

das; assim, no Algarve, chamam-lhe «sêba», na costa da Ericeira e Peniche «golpho», na costa de Aveiro «molisso» e no Minho «rapillô», e «rapeira».

As plantas marinhas constituem em geral adubo bem provido de azote e rico de potassa, mas as percentagens d'estes elementos variam com a natureza do terreno que constitue o leito da praia.

Segundo Ferreira Lapa, a riqueza dos sargaços, nas diversas regiões do paiz, quanto aos quatro elementos nobres, é a seguinte por 100 partes sêccas:

	Sêba (Algarve)	Molisso (Aveiro)	Rapillô (Minho)
Azoto .....	1,15	1,02	0,97
Cinzas ..	Acido phosphorico	0,31	0,27
	Potassa .....	3,56	—
	Cal .....	3,00	0,17
			0,13



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — Assistindo ao exercicio de bombeiros

E' pois mais uma riqueza que não deve perder-se para attenuar a deficiencia do estrume de curral, o mais barato e eficaz de todos os adubos.

O sargaço, colhido e enterrado em fresco, decompõe-se promptamente, cede os seus elementos ás plantas, no anno em que se enterra, e portanto, é necessario applicar de cada vez só o bastante a cada cultura; em geral, no nosso paiz, é uso applicá-lo sêcco, mas mais convinha fazer como nas costas do norte da França, na Escocia e Inglaterra, em que quando não podem empregá-lo em fresco, o conservam misturando-o com terra e cal.

As plantas marinhas, colhidas ainda vivas e agarradas ao chão, são mais ricas, em elementos nutritivos, do que as arrojadas á praia; mas na colheita das primeiras parece inutilisarem-se germes de peixes e especialmente de molluscos e crustaceos, devendo por isso evitar-se o arrancar as plantas que adherem ás rochas.

Em França as algas são applicadas especialmente na cultura do linho, a que augmentam a quantidade e melhoram a qualidade; são tambem muito convenientes á cevada e menos ao trevo, aos tornepos e outras plantas sachadas.

Empregadas nas pastagens augmentam-lhes a produção, e os animaes pastam-nas com mais appetite e engordam facilmente.

As plantas marinhas constituem um adubo rico e que tem mais a vantagem, sobre o estrume ordinario, de não levar á terra sementes de hervas incommadas; mas não dão bom effeito, quanto á qualidade dos cereaes, plantas oleginosas, a que se applicarem, a não serem misturadas com estrume ou outros adubos.

Tambem não podem empregar-se na vinha, nem dar-se em alimento a vacas leiteiras, pois que prejudicam o sabor dos productos.

Perguntando madame de .. a Voltaire que differença havia entre uma senhora e uma pendula, obteve a seguinte resposta:

— Uma pendula indica as horas ao passo que a vossa presença faz com que ellas se esqueçam.



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto — El-Rei agradecendo a manifestação de que foi alvo no quartel dos bombeiros

(Clichs do photographo Cardoso — Porto).

## Machado de Assis



† no Rio de Janeiro a 28 de setembro de 1908

Foi uma grande perda para o Brasil a morte d'este illustre escriptor. No romance, na poesia, no theatro, em todos os ramos de litteratura, os seus trabalhos foram numerosos e affirmaram sempre a pujança do seu talento, a belleza do seu estylo e todos os predicados, enfim, que concorreram para que Machado de Assis fosse considerado como mestre no meio litterario brasileiro.

E' enorme a sua colleção de romances, bastando apenas citar «Helenar», «A mão e a luva», «Memorias posthumas de Braz Cubas», «Ressurreição» e aquella que intitulos «Dom Casmurro».

Livros de versos escreveu quatro. — «Crysalidas», «Phatenas», «Americanos» e «Occidentas».

No theatro da Exposição do Rio de Janeiro ainda ha bem pouco tempo foi representada uma das suas melhores comedias — Não consultes medico.

Machado de Assis começou a sua vida como typographo e revisor mas bem depressa o seu talento se manifestou, por meio da imprensa, firmando varios artigos, criticas, etc.

O grande escriptor brasileiro era presidente da Academia de Lettras, cavalleiro e official da Ordem da Rosa, e exercia actualmente o cargo de director geral da Secretaria de Industria.



## THEATROS

O inverno e o theatro. — O publico de Lisboa. — **S. Carlos**, *A Manon*. — **D. Amélia**, *O Ladrão*. — **D. Maria**, *Os Fourchambault*. — **Trindade**, *A Bohemia*. — **Gymnasio**, *Louras e castanhas; Noixes de Venus*. — **Rua dos Condes**, *O Judeu Errante*. — **Avenida**, *A. B. C.* — **Príncipe Real**, *A filha do policia*. — **Colyseu dos Recreios**.

São companheiros inseparaveis e sempre unidos o theatro e o inverno. Um nunca vem sem o outro, e ainda não encontraram maior prazer o corpo e o espirito do que, muito confortados com a luz forte da sala e a presença das lindas mulheres, sob a fascinação dos olhares e o reverberio das joias, assistirem ao desfilar das scenas dramaticas ou dos episodios comicos, e abrirem a represa das lagrimas, ou explodirem em gargalhadas as emoções alegres.

Pois o inverno d'este anno bate todos os seus antecessores visto trazer consigo uma animação theatral que quasi excede as medidas. Bem se importam os velhos aficionados, bem se importa a maioria do publico com as cantigas dos declamadores que, novos Jeremias, já choram lagrimas sobre as ruínas da patria, ou mesmo com a verdade crua dos factos que nos mostra o pavoroso augmento do agio do ouro e a magreza mais pavorosa ainda do thesouro publico. Quando a mania dos theatros attinge proporções como n'este inverno, a gente chega a ter a doce illusão de que a libra vale mais do que em Londres, de que estão a trasbordar as arcas do erario, de que abarrotaam de dinheiro as bolsas dos particulares e de que não é no Rio de Janeiro, como conta a lenda, mas em Lisboa, n'esta Lisboa, sempre bem disposta e prasenteira, sempre prompta para a folgança, sempre dominadora dos acontecimentos, medonhos e terriveis que elles sejam, como os dos ultimos mezes, sim, n'esta Lisboa alegre, que as biqueiras das botas ao toparem com as libras nos cantos das ruas as

afastam para o lado, pois ha tantas que não vale a pena o trabalho de as apanhar do chão. E como não ha de ser assim se, no momento em que se diz que a par da miseria do thesouro alastra a miseria publica, só em S. Carlos, por exemplo, antes de abrir o theatro logo deu entrada no cofre das bilheteiras a ninharia de noventa contos de réis! Noventa contos em bom metal sonante, notem! E ainda as portas não abriam, e ainda se está a dar a ultima demão nas obras do foyer, e ainda se não sabe que conta darão de si as companhias franceza, alemã e italiana que veem encher a época lyrica! E notem mais: a familia real, a cõrte, que dão ao theatro a nota elegante e aristocratica estão de luto ainda, e é provavel que nem el-rei nem os membros da sua familia frequentem este anno o theatro, porque só em fevereiro o luto acaba!

E... ponto final.

Nesta ordem de considerandos, que é bom não prolongar, porque os leitores do *Brasil-Portugal* estão de certo anciosos por conhecer o que vae pelos theatros de Lisboa, tratemos d'elles.

Em **S. Carlos** o exito da *Manon* justificou a expectativa publica. A Carré é, sem duvida a interprete sublime d'essas creaturas, delicadas, frivolas, espiritualmente graciosas que o genio francez soube transportar para a scena lyrica. N'ella encontrou Massenet a sua admiravel collaboradora, porque sem ella pode affirmar-se que não existe a ideal *Manon* da sua opera. Por isso Marguerite Carré, a estrella da Opera Comica de Paris, a estrella da companhia franceza de **S. Carlos**, obteve do publico de Lisboa uma ovação sentida e calorosa.

Bernstein é d'aquelles raros auctores que logo desde as primeiras scenas das suas peças dominam e empolgam o publico. E nenhuma tão empolgante, tão vivida, tão cruel nos seus episodios, tão rapida no seu desenlace como *Le Voleur* que Eduardo de Noronha traduziu com a sua conhecida proficiencia e que a empreza do **D. Amélia** poz em scena com um encanto de scenario e um primor de disposição artistica, que deve merecer á critica os mais rasgados elogios.

O *Ladrão* encerra uma alta lição de moral social. Aquelles que só educam as mulheres para o galanteio perdem-nas. E' o marido que o diz áquella que tem no drama o primeiro logar e que confessa que roubou para lhe agradar a elle, que praticou um crime de amor, e que é por elle perdoada, como não pode deixar de sel-o dentro da logica dos acontecimentos que desde a primeira scena se vão desenrolando.

Angela Pinto e Augusto Rosa deram á multidão de sentimentos que os convulsionam e por vezes lhes despedaçam o coração a mais justa, a mais harmonica, a expressão mais forte e vibrante. E o publico applaudiu com calor estes dois grandes artistas que tão profundamente se encarnaram nas duas grandes figuras de Bernstein.

Não tem a grandeza d'estas as outras confiadas a Henrique Alves, Pinheiro, e Emilia de Oliveira, mas tão bem as souberam reproduzir em scena que deram um admiravel tom ao conjunto e, na parte que lhes coube, nos fizeram sentir todas as delicadezas e todo o valor da peça de Bernstein.

A estreia de Emilia de Oliveira foi mais do que promettedora. Que essa graciosa actriz não pisava pela primeira vez o palco, logo á entrada o reconheceria quem tão desembaraçada e á vontade, tão senhora do papel e da situação a visse em scena. E do principio ao fim, quem a acompanhasse na maneira de representar, de ouvir, de dizer, por convencido se daria que muitos dos segredos da arte não eram já desconhecidos da debutante do **D. Amélia**.

A ultima reprise de **D. Maria** é o *Fourchambault*, a conhecida peça de Augier, ha bastantes annos representada n'aquelle theatro. E quem conhece as poderosas qualidades do mestre por excellencia



Dois amigos

do theatro francez não admira que os *Fourchambault* que já tem obrigação de ter cabellos brancos, nos appareçam hoje com todo o vigor da mocidade, como se hoje nascessem para o palco.

Não podia ser mais bem cuidada a distribuição da peça, nem com maior esmero ella podia ser posta em scena.

Salientam-se no desempenho dos primeiros papeis Augusto de Mello, sempre correctissimo, Cecilia Machado e Augusta Cordeiro, Maia, Carlos Santos e Pinto Costa.

A empreza da **Trindade** vae vendo, e com justiça, confirmados os seus esforços e applaudidos os serviços que veio prestar ao theatro com a nacionalisação das operas estrangeiras.

Depois do exito do *Barbeiro de Sevilha* o exito da *Bohemia*... e

estamos ainda no começo. Temos, louvado Deus, opera lyrica em portuguez!

Quem regatear elogios a este empreendimento, quem não applaudir *à chaudes mains* este serviço que tem tanto de patriótico como de artistico, pratica uma grave injustiça.



*Affonso Javeira*

Além dos artistas teve a empresa um auxiliar poderoso no maestro Luiz Filgueiras pela direcção intelligente, acertada e sábia, com que conduz a orchestra, e porque não havemos de dizê-lo, pelo muito que elle conseguiu dos que d'ella fazem parte, alguns dos quaes nos fazem comprehender todas as subtilezas e encantos de uma opera que como a *Bohemia* eleva á sua mais alta esfera lyrica o sentimento dramático.

E os interpretes? Quem pode contestar o valor de Isabel Fragoso no papel de Mimi! Para mostrar que é uma artista em todo o valor d'esta palavra, bastaria o ouvir-lhe o *racconto* do primeiro acto e vê-la no duetto e no quartetto do terceiro.

Bensaude é o artista já consagrado. Representa e canta á mesma

altura. O papel de Marcello é uma criação. E todos os artistas que acompanham estas duas primeiras figuras da *Bohemia*, Delphina Victor, Julio Camara o tenor, Gabriel Pratas, Correia, Setta e Augusto Conde foram aclamados do grande numero de espectadores que encheu a **Trindade** na primeira noite da *Bohemia*, tão primorosamente traduzida por Eduardo Garrido.

Nos ultimos espectaculos d'estes dias duas peças novas nos deu o **Gymnasio**: *Louras e castanhas* e *Noivos de Venus*. A primeira é uma comedia n'um acto, traduzida, e bem, por Portugal da Silva. É uma serie de engraçados episodios, entre uma mulher de cabellos castanhos, que os pinta de louros para agradar ao marido, e um cabelleireiro. Rosa de Andrade, Alegrim e Monteiro, tiraram os mais variados effeitos artisticos do desempenho da espirituosa comedia.

A outra é collaboração de dois rapazes, Arthur Cohen e Pedro de Almeida, que pensaram apenas em fazer rir. E se melhor o pensaram melhor o fizeram, porque o publico do **Gymnasio** não vae lá para outra cousa e quanto menos logica e coherencia ha n'este genero de peças mais elle ri e applaude.

E com effeito, n'uma grande despreocupação e desfazio de espirito applaudiu a peça e os auctores, e o trabalho interessante de Telmo, Cardoso, Palmyra, Jesuina Saraiva, Judith, Rosa de Andrade e ainda outros. Fica para o fim o nome de Jesuina Marques, que escolheu os *Noivos de Venus* para a noite da sua festa, e que teve mais uma vez occasião de de ver como o publico de Lisboa aprecia a sua arte, sempre graciosa, e o seu espirito que não envelhece,

Ha tambem peça nova na **Rua dos Condes**: *O judeu errante*, mais para a vista que para o ouvido, taes e tão variados são os quadros em que a phantastica magica se desenrola, tão abundante é o guarda roupa e tal o apparato com que é posto em scena o *Judeu errante*, encarnado em Joaquim de Almeida, o artista quasi decano de todos os nossos, a quem parece não fazer *mossa* a idade, tal é o vigor, a *bravura* que elle põe em todos os papéis, a mocidade do seu espirito que não afrouxa deante de difficuldades, e é exemplo aos novos.

Do **Avenida** é que nada ha a dizer de novo, e estamos certos de que quem folga com isso é a empresa do feliz theatro, que já perdeu a conta ao numero de representações do *A B C* e que mede as enchentes pelos espectaculos e que está persuadida de que pela eternidade adiante hão de continuar a desfilarem em revista todos os annos os acontecimentos do anno de 1907.

Não sabemos se foi a empresa do **Príncipe Real** se foi o sr. Portugal da Silva quem escolheu para aquelle theatro o drama de grande spectaculo, em cinco actos e oito quadros, de Gaston Morot *A filha do policia*. Mas, ou fosse a empresa ou o feliz e correcto traductor, o que é certo é que não podia ser mais acertada a escolha. *A filha do policia* é o perfeito typo do genero. É o drama popular por excellencia. Tem sentimento, tem vibração, tem scenas de alto drama, tem situações empolgantes, faz rir agora, logo faz chorar. E tem a desempenhal-o artistas como Alvaro, Maria das Dores, Caetano Reis e Luz Velloso, artistas queridos das plateias populares. Por isso sempre que a peça se representa vem o theatro abaixo com palmas.

Falta . . . o **Colyseu dos Recreios**. Dizer-lhe o nome, dizer que ha lá companhia a trabalhar, o mesmo é que dizer que ha lá enchentes todas as noites. É que o seu empresario conhece como ninguem o publico de Lisboa e não olha a difficuldades nem a sacrificios para lhe apresentar uma companhia que não tem hoje nos grandes circos da Europa nenhuma que a exceda.

JAYME VICTOR.

## Theatro da Trindade



(Cenário de A. C. Lima).

O Barbeiro de Sevilha